

“Eu não tenho nada pra dizer, então eu digo”: o que é possível dizer como meia-verdade?

Ingrid Figueiredo

Resumo

É impossível dizer tudo, o todo, pois a verdade é não-toda por estrutura. Só é possível semidizer a verdade, pois a própria estrutura comporta um real. Há uma disjunção ou um casamento fictício entre saber e verdade, pois o saber paga um dote para se casar com a verdade, porque visa à *la jouissance*, a cunhada. Em outras palavras, sempre há uma tentativa de reiteração de uma perda de gozo, pois lembremos que o saber é meio de gozo, e a verdade é irmã de gozo. O analisante tenta acessar essa verdade, mas a única possibilidade é semidizê-la, já que sua estrutura também é de ficção. Por meio desse semidizer, é possível atravessar a fantasia fundamental que fixou uma marca de gozo e um valor de verdade por contingência. Na análise, podem-se construir essa fantasia fundamental e a escrita que fez litoral, ou seja, trata-se de *historisterizar*. Há um desencontro fundamental para todo ser falante: “que se diga fica esquecido por trás do que se diz naquilo que se ouve”, ou “não há relação sexual”: há uma impossibilidade de escrever a relação sexual, mas, paradoxalmente, sempre haverá uma tentativa de escrevê-la. Será um caminho do amor à verdade ao amor à castração? Como amar essa hiância, essa fenda? Parece-nos que aqui se coloca toda a questão em torno do passe: não interessa tanto o que apareceu no final da análise, mas no momento de virada, de advento do desejo de analista, da passagem de analisando a analista, o ato inaugural.

Palavras-chave:

Verdade; Real; Saber; Gozo; Passe.

“I have nothing to say, so I say”: what is possible to say as a half-truth?

Abstract

It is impossible to say everything, or everything, because in truth it is not all because of its structure. It is only possible to semi-tell the truth, because the structure itself carries a real thing. There is a discrepancy or a fictitious marriage between

knowledge and truth, because knowledge pays a dowry to marry truth because it seeks *la jouissance*, the sister-in-law. In other words, there is always an attempt to reiterate a loss of jouissance, so let us know that the truth is the heart of jouissance. The analyst attempts to access this truth, but the only possibility is semi-disclosed, since its structure is also fictional. Through these semi-tell, it is possible to go through the fundamental fantasy that creates a mark of jouissance and a value of truth by contingency. In analysis, we can build that fundamental and written fantasy that fez littoral, i.e., is trying to *historisterize*. There is a fundamental disagreement for every falant being: “whatever is said is forgotten behind what is said in what is heard,” or “there is no sexual relationship”: there is an impossibility to write the sexual relationship, but, paradoxically, there will always be an attempt to write it. Will it be a path from love to truth to love to castration? How to love that distance, that fence? It seems to us that here everything is placed at question around the pass: it is not so interesting that it appears at the end of the analysis, but not the moment of turning, of the advent of the analyst’s desire, of the passage from analyzing the analyst, or of the inaugural act.

Keywords:

True; Real; Knowledge; Jouissance; Pass.

“No tengo nada que decir, entonces digo”: ¿qué se puede decir como una verdad a medias?

Resumen

Es imposible decirlo todo, el todo, porque la verdad es notoda por estructura. Sólo es posible decir la verdad a medias, ya que la estructura misma contiene un real. Hay una disyunción o un matrimonio ficticio entre el saber y la verdad, ya que el saber paga una dote para casarse con la verdad porque apunta a *la jouissance*, la cuñada. En otras palabras, siempre se intenta reiterar una pérdida de goce, porque recordemos que el saber es un medio de goce y la verdad es hermana del goce. El analizante intenta acceder a esta verdad, pero la única posibilidad es semidecirla, ya que su estructura también es de ficción. A través de este semi-dicho es posible atravesar la fantasía fundamental que establecía una marca de goce y un valor de verdad por la contingencia. En el análisis podemos construir esta fantasía fundamental y la escritura que hizo la costa, es decir, se trata de *histerizar*. Hay un desacuerdo fundamental para todo ser hablante: “lo que se dice se olvida detrás de lo que se dice en lo que se escucha”, o “no hay relación sexual”: hay imposibilidad de escribir la relación sexual, pero, paradójicamente, siempre un intento de habrá escribirla. ¿Es un camino del amor a la verdad al amor a la castración?

¿Cómo puedes amar esta brecha, esta grieta? Nos parece que toda la cuestión surge aquí en torno al pase: no es tan importante lo que apareció al final del análisis, sino en el punto de inflexión, el advenimiento del deseo del analista, la transición de analizante a analista, el acto inaugural.

Palabras clave:

Verdad; Real; Saber; Goce; Pase.

« Je n'ai rien à dire, alors je dis » : que peut-on dire comme demi-vérité ?

Résumé

Il est impossible de faire tout, ou tout, mais la vérité n'est pas tout à fait par structure. Il est donc possible de semi-dire la vérité, mais de créer une structure propre à un comportement réel. Il y a une disjonction ou un cas fictif entre le savoir et la vérité, mais le fait de savoir payer un amour pour se faire avec la vérité parce que *la jouissance*, à belle-soeur. En d'autres termes, il y a toujours une tentative de répétition d'une perte de jouissance, mais nous savons que le savoir est le meilleur de jouissance et la vérité est la souer de jouissance. L'analyste tente d'accéder à cette vérité, mais la seule possibilité est la semi-dire, puisque sa structure est également de la fiction. A travers ce semi-dire, il est possible de traverser une fantaisie fondamentale qui fixe une marque de jouissance et une valeur de vérité par contingence. Lors de l'analyse, vous pouvez construire cette fantaisie fondamentale et écrire ce qui se passe au littoral, ou vous devez faire un *travail d'historisation*. Il y a une découverte fondamentale pour tout ce qui se passe: « qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend », ou « il n'y a pas de rapport sexuel » : il y a une impossibilité d'écrire une relation sexuelle, mais, paradoxalement, toujours avoir une essayer de l'écrire. Sera un chemin de l'amour a la verité vers l'amour à la castration ? Comment aimer cet écart, cette fissure ? Il semble que nous soyons ici confrontés à la question du tournant du passé : il n'est pas tant intéressant que ce qui apparaît dans l'analyse finale, mais pas au moment de la virée, de l'avènement du désir de l'analyste, du passage de l'analyste à l'analyste ou de l'inauguration.

Mots-clés :

Verité ; Réel ; Savoir ; Jouissance; Passe.

O tema do XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), “A psicanálise entre saber e verdade”, articula-se com uma pergunta que tenho me colocado ultimamente: o que é possível dizer como meia-verdade? E de que meia-verdade se trata ao final de uma análise? A psicanálise deslocou o inconsciente que diz a verdade para a verdade que fala por si mesma e a situou como causa material, diversamente da ciência e da medicina, que a toma como causa formal, *vide* o uso desenfreado de medicamentos para calar a verdade que a angústia traz. O lugar da causa é situado a partir do sujeito em sua articulação com a materialidade do significante, com o objeto *a* e o campo do gozo, esse batizado de campo lacaniano, por ter sido inaugurado a partir dos avanços de Lacan em relação à teoria pulsional freudiana. Então, o inconsciente estruturado como uma linguagem avança para o inconsciente em sua vertente real, trazendo o empreendimento lógico de demonstrar a inconsistência do Outro e a impossibilidade de universo do discurso. E Lacan, com sua teoria dos quatro discursos, pôde delimitar a relação entre saber, verdade e gozo, na qual o saber apresenta-se como um meio de gozo e a verdade fraterna ao gozo, de onde identifica a barreira da castração como o que impõe uma disjunção entre saber e verdade.

É impossível dizer tudo, o todo, pois a verdade é não-toda por estrutura. Só é possível semidizer a verdade, pois a própria estrutura comporta um real. Há uma disjunção entre saber e verdade, ou um casamento fictício, como nos diz Pacheco (2008), pois o saber paga um dote para se casar com a verdade por conta de *la jouissance*, a cunhada, o gozo. Em outras palavras, sempre há uma tentativa de reiteração de uma perda de gozo pelo ser falante. Lembremos que o saber é meio de gozo, de *la jouissance*, e a verdade é sua irmã. O analisante tenta acessar essa verdade, mas a única possibilidade é dizer uma verdade pela metade, pois sua estrutura também é de ficção (Lacan, 1969-1970/1992). Por meio desse semidizer, é possível atravessar a fantasia fundamental que fixou um gozo e um valor de verdade presente no sintoma.

O que se percebe no momento crucial de travessia em uma análise é a possibilidade de transmissão do impossível, em que a verdade comparece em sua vertente não-toda, pois, quanto mais se fala, mais se camufla. O aforisma “Eu, a verdade, falo” aponta para uma verdade que fala, sem com isso dizer a verdade e o verdadeiro sobre o verdadeiro. Essa impossibilidade reside no fato da inexistência da metalinguagem, e, por isso, “que se diga permanece esquecido atrás do que se diz no que se ouve”. De um percurso de análise, que é a própria construção da fantasia, extrai-se o “que se diga”, um dizer que se endereça à verdade da fantasia.

Na análise, somente é possível construir essa fantasia fundamental, revisitar esse trilhamento, essa marca de gozo, essa escrita que fez litoral. O caminho trilhado é da fixidez de gozo à ficção de sua própria história e de sua própria verda-

de. Trata-se de *historisterizar*. “Essa cena é minha, e não do Outro”, ou seja, essa história é minha, e não do Outro. E, mais ainda, como nos diz Metzger (2020, p. 180), “é assim que eu gozo com essa história”.

Há um desencontro fundamental para todo ser falante: “não há relação sexual”, e uma análise visa à equivocidade, e não à univocidade. Há uma impossibilidade de escrever a relação sexual, mas, paradoxalmente, sempre haverá uma tentativa de escrevê-la pela via do sintoma. Como amar essa hiância, essa fenda? É não permitindo que seja suturada, costurada, como a neurose tenta fazê-lo, de acordo com o que Lacan (1964/2008) nos diz no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, seminário que estamos estudando neste biênio no Fórum de São Paulo. Seminário que também mostra uma “saída” de Lacan, uma solução para sua “saída” da International Psychoanalytical Association (IPA): fundar seu Campo Lacaniano e sua Escola, a qual pudesse acolher a hiância que os “analistas ortopedutas” tentavam suturar. Parece que este é o caminho do amor de transferência: a transferência de trabalho.

No desencontro entre saber e verdade, a costura é outra: é o bordar, é o contorno... é a borda; nunca o fechamento. A letra é o que bordeja o furo do real, tentativa de reunir o que não se une, sentido e real (Vilela & Iannini, 2016). Lacan (1971/2003, p. 18) nos disse: “não é a letra... litoral, mais propriamente, ou seja, figurando que um campo inteiro serve de fronteira para o outro, por serem eles estrangeiros, a ponto de não serem recíprocos? A borda do furo do saber, não é isso que ela desenha?”.

Essa é a questão do final de análise. É o momento da destituição subjetiva, momento em que é possível identificar-se com seu sintoma, manter-se advertido sobre seu modo de gozo e promover uma redistribuição e uma modificação nessa economia de gozo. Essa travessia da fantasia fundamental de um final de análise mobiliza inúmeros afetos, como a angústia, que é afeto do real, afeto que não engana. Destituições subjetivas programadas pelos discursos, o que é diferente de destituições subjetivas não programadas, como a que aconteceu com Lacan quando foi destituído da IPA, podem mobilizar outros afetos, como o maniaco-depressivo e suas variações, como ódio, raiva, tristeza, excitação. Há um luto a ser feito nessa destituição subjetiva produzida ao final da análise e a possibilidade de abertura para o desejo (Metzger, 2020).

É permitir que o vazio mediano siga aberto para o desejo. “Eu não tenho nada pra dizer, então eu digo”, utilizo o verso de Rita Lee na música *Coisas da vida*, de 1976. O artista ensina, antecede o psicanalista. Uma solução para o impasse da fantasia, um passo de sentido. Seria esse um momento de virada? Aquele momento em que o analisando se depara com a inconsistência do Outro?

E há um afeto que pode aparecer após o processo de luto e está atrelado ao advento de desejo de analista: o entusiasmo, o desejo de seguir sustentando sua

clínica e seguir trabalhando em nome da psicanálise, na tentativa de transmiti-la na Escola de Lacan, nos espaços de formação e na pólis.

Daí então a aposta no passe. E é toda a questão que se coloca em torno do passe: não interessa o que apareceu no final da análise, mas o momento de virada, de passagem de analisando a analista, o ato inaugural, como nos diz Colette Soler na apresentação do Encontro de Escola de Buenos Aires, com o tema *O passe à analista*, em 2022.

Como inaugural, original entende-se o desejo de analista como algo novo, porém originário de uma repetição, a repetição própria ao sintoma (Metzger, 2020). O passe se ocupa justamente de verificar esse ato original do advento do desejo do analista, que coloca em jogo o real no coração da Escola de Lacan. Na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, Lacan (1967/2003) falou da importância do real na formação dos analistas. Assim, o dispositivo do passe se constitui em uma estrutura que comporta o real, o vazio, e se apresenta como nodal em nossa Escola, pois nos possibilita, justamente, fazer Escola.

O passe é uma aposta, na possibilidade de transmissão de um impossível, do “que se diga”, que prova a virada e o advento do desejo do analista. De analisando a analista, é a verificação do momento de advento desse desejo inédito. Como nos diz Metzger:

O dispositivo do passe é o cerne da Escola de psicanálise lacaniana. Ele não foi criado para avaliar individualmente os analistas, já que, em um dispositivo tão sujeito a imprevistos e variações, a nomeação de um Analista de Escola, ou seja, desse cujo desejo de analista foi identificado pelo cartel do passe, é absolutamente contingencial. O dispositivo do passe é um instrumento para identificar se a Escola de analistas de fato está produzindo analistas e colocar em jogo as questões cruciais da passagem do analisante a analista. É um dispositivo que avalia a Escola e se ela continua incluindo o real na formação de analistas que oferece. (Metzger, 2020, p. 182)

A partir dessas articulações sobre o dispositivo do passe, retomo questões que apresentei no artigo “Os limites do corpo na travessia da fantasia”, publicado na *Stylus* 43, sobre os afetos mobilizados no analisante no momento de travessia da fantasia, até mesmo adoecimentos do corpo, agravamento de fenômenos psicossomáticos, e sobre o acaso de ser nomeado passador: a designação como passador dentro do dispositivo do passe teria efeito de nomeação para o analisando que está nesse atravessamento da fantasia e momento crucial de análise? E essa nomeação que amarra em busca da invenção de um *sinthome* estaria também na lógica paraconsistente, em que é possível enodar proposições contraditórias com

um valor de verdade e com o mesmo saber em uma análise? Ou estaria dentro de outra lógica? A resposta parece ser que sim, porque a função passador, assim como o sintoma, também é uma função no sentido lógico, tal como Ramos (2013) nos diz que o sintoma é uma função e traz consigo um valor de verdade. O que se observa é que “a interpretação é a tradução em palavras do valor de verdade que o sintoma é, enquanto função” (Ramos, 2013, p. 46), o que Lacan (1971-1972/2001) articula em seu seminário *O saber do psicanalista*. Esse valor de verdade tem a possibilidade de ser traduzido por meio de uma escrita como uma cifra. Trata-se de uma interpretação da significação que escreve um valor de verdade, muito mais do que a de uma fixação de um significado, o qual pode ser um paradoxo e articular duas proposições contraditórias, por exemplo, pois é possível se casar sem arrumar um emprego ou arrumar um emprego sem se casar, como Ramos (2013) destaca. Houve, então, a operação de um saber inconsciente que produziu uma cifra a partir de emprego e casamento, produzindo uma relação com um valor de verdade. Por esse motivo, Ramos (2013) nos recorda que a decifração pode ser resumida ao que faz cifra, conforme Lacan (1974) afirma em *A terceira*, o que traz uma relação entre a nomeação como aquilo que amarra e produz cifra e a interpretação pela via da decifração como aquilo que desamarra, suspende o sentido e endereça ao vazio, ao furo, ao *sens blanc*. É a via do terceiro estado da palavra, a palavra poética, que toca outra lógica, a do não-todo, da lógica para-completa e do indecível que mostra a verdade mentirosa ou verdade não-toda da fantasia, momento no qual se encontra o passador.

Então, a função passador, como uma nomeação, enlaça a angústia e endereça a um trabalho de Escola. Ele funciona como uma “placa sensível” no dispositivo do passe, como ressalta Fingermann (2011). Mesmo após o final do período da função passador, o analisante ainda pode continuar trabalhando pela Escola e seguir em seu caminho de travessia de fantasia na tentativa de tocar o gozo não-todo e o limite da verdade.

Assim, o gozo não-todo cernido, com o qual o analisante se encontra no momento da travessia da fantasia, permite pensar o que remete ao final de análise como um finito que pode tender a seu limite, mas sem alcançá-lo. Lacan faz uso da matemática e da lógica, porque essas são homólogas à clínica, o que permite interrogar a relação entre amor e verdade, e afirmar que, por um lado, a verdade tem limite e, por outro, não tem, porque não é mais que um semidizer, uma meia-verdade. Nessa consideração da incompletude e da complementariedade, parece que há o possível encontro entre a verdade não-toda, semidita, o novo amor, como um amor mais digno, e o novo laço ao final de uma análise, e o advento do desejo do analista comparece como um resíduo como causa deixado por uma análise.

Referências bibliográficas

- Fingermann, D. (2011). A presença do passador: atualidade da Escola. *Wunsch*, (11).
- Lacan, J. (1974). *A terceira* (Â. J. Ferretto, C. A. M. Garcia, G. Garcia, L. A. de Farias, M. R. C. Gil & P. C. Ramos, Trad.). Conferência pronunciada em Roma em 1º de novembro de 1974. Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O seminário – livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2001). *Seminário: o saber do psicanalista*. Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Inédito. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre a formação do analista. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (p. 248). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Metzger, C. (2020). Fim de análise e passe: um comentário sobre o passador e os ecos de um real no corpo. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, (40), 171-186.
- Pacheco, A. L. P. (2008). O dote que o saber paga ao gozo (*la jouissance*) no casamento fictício com a verdade. *Textura*, Rio de Janeiro, (7), 9-12.
- Ramos, C. (2013). A interpretação como valor de verdade e como função poética. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, (26), 45-50.
- Soler, C. (2018). *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller.
- Soler, C. (2022). *O passe à analista*. Texto de apresentação do tema do VII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Buenos Aires. Recuperado de <https://www.champlacanian.net/public/docu/4/rdv2022-ecole-argumentaire.pdf>
- Vilela, Y., & Iannini, G. (2016). Prefácio à edição brasileira. In *Lacan, o escrito, a imagem* (p. 7-22). Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023